

Conflito e integração social: paradoxos do futebol em Belo Horizonte (1908-1927)¹

Euclides de Freitas Couto²

RESUMO

O presente trabalho discute o futebol em Belo Horizonte no período de 1908 a 1927, buscando compreender como esse esporte contribuiu para a integração social de grupos rivais presentes na elite local. Parte-se da abordagem teórica proposta por Simmel que considera que os esportes competitivos, ao criar o espírito de rivalidade entre os grupos sociais, contribuem decisivamente para a integração social desses grupos. Como fonte de pesquisa foram utilizados jornais e revistas que circulavam na cidade no período analisado. Porém, devido à escassez desses materiais, recorreu-se também à utilização do recurso da história oral como metodologia complementar de pesquisa.

1. INTRODUÇÃO

Esse texto tem por objetivo discutir a dinâmica sociocultural permeada pelo futebol na cidade de Belo Horizonte no período entre 1908 a 1927. As análises tomam como eixo principal um estudo multidisciplinar da representação do futebol como um emergente fenômeno social que contribuiu para a construção de identidades coletivas e para integração social da cidade. Partimos do pressuposto teórico simmeliano de que o *conflito*, elemento presente na maioria dos jogos esportivos, contribuiu decisivamente para a integração dos grupos sociais belo-horizontinos no início do século 20.

Para tanto, foram consultadas diversas tipologias de fontes incluindo crônicas e trabalhos relativos à história do futebol. Dada a escassez dos registros escritos em torno do período inicial do futebol belo-horizontino, o depoimento das pessoas que de alguma forma se envolveram com o futebol naquele contexto ou de pesquisadores que contribuíram para a reconstrução histórica daquele período, tornaram-se importantes fontes para a construção de documentos históricos. A utilização da história oral foi simultaneamente um exercício desafiador e instigante. As entrevistas buscaram analisar, através de testemunhos, o contexto histórico-social, o cotidiano dos moradores, bem como as formas tácitas de desenvolvimento de sociabilidades e de construção de identidades no período analisado.

¹ Este artigo é parte integrante da dissertação de mestrado intitulada *Belo Horizonte e o futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)* defendida no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais sob a orientação da Prof^ª. Dra. Lucília de Almeida Neves Delgado.

² Bacharel em História pela PUC-Minas, Mestre em Ciências Sociais -Gestão das Cidades pela PUC-Minas e doutorando em História pela UFMG.

Foram realizadas quatro entrevistas com pessoas que se envolveram com o futebol em Belo Horizonte no início do século 20. Jogadores, torcedores e moradores da cidade que de alguma forma contribuíram para a reconstrução histórica e sociocultural da cidade e do futebol naquele período. Em relação aos depoimentos dos jogadores, torcedores e dos moradores da antiga Belo Horizonte, optou-se desde o primeiro momento pelas entrevistas temáticas uma vez que as narrativas de vida, na maioria dos casos³, desviam a atenção do entrevistado para outros assuntos não se inserem ao universo da pesquisa.

2. ATLETICANOS E AMERICANOS: A IDENTIDADE DE DISTINÇÃO

Desde seus primórdios em Belo Horizonte, o futebol despontou como um esporte seletivo. As primeiras partidas disputadas no Parque Municipal, lugar freqüentado pelas elites locais, já demonstravam o caráter restritivo da sua prática. Entre os anos de 1904 e 1915, paralelamente ao ciclismo, o futebol ganhava praticantes e espectadores. As partidas realizadas nos finais de semana eram acompanhadas por uma assistência bem vestida e comportada que aplaudia de forma comedida, os lances mais emocionantes. Entretanto, os primeiros jogos da cidade, realizados no Parque Municipal eram eventos isolados, restritos aos freqüentadores daquele lugar como descreveu, em sua entrevista, Adelchi Ziller:

O campo do parque era improvisado, não havia arquibancadas, ninguém se preocupava com a organização do jogo. Era comum os garotos se reunirem ali na hora mesmo e jogarem a sua pelada. Quem estivesse por perto iria assistir.

As palavras de Ziller leva-nos a pensar que a implantação do futebol na cidade não se deu através de nenhuma forma de imposição institucional como foi o caso da *ginástica sueca* difundida nas primeiras escolas da Capital (Vita, n.1, jul. 1913). Entretanto, é possível perceber que o discurso higienista, assimilado pela burguesia no início do século passado, acabou por influenciar, de forma marcante, a vida dos moradores da cidade. A noção de que a busca pela civilização estava diretamente relacionada ao conjunto de hábitos desenvolvidos na Europa tornava as elites locais verdadeiras “cópias vivas” da burguesia européia.

O *jogo da bola* adquiriu, paulatinamente, outros espaços para a sua prática. O Atlético que iniciou sua vida esportiva no Parque Municipal em 1908, um ano após sua fundação, já realizava seus jogos em um campo, situado na rua Guajajaras, entre as ruas Rio de Janeiro e São Paulo.

³ Essa situação ficou evidenciada quando realizamos em 1999 a pesquisa oral para a monografia de bacharelado em História intitulada “A importância do Clube Atlético Mineiro na cidade de Belo Horizonte”.

Em 1912, nas esquinas da Rua da Bahia com a Rua dos Timbiras, um grupo de garotos filhos de políticos, altos funcionários públicos, renomados profissionais liberais e comerciantes fundaram o América Futebol Clube. A proximidade do seu campo e o próprio ciclo de amizades mostram que os garotos do América muito se inspiraram nos atleticanos para fundarem seu time. Segundo Salim Salum,

Os garotos do América tinham uma média de 13 anos de idade e por isso não conseguiam jogar em pé de igualdade com os do Atlético que eram mais velhos. Por isso eles resolveram montar o seu próprio time. Mas eles eram todos amigos, tanto é que vários deles saíram do Atlético e foram jogar pelo América. (SALIM SALUM).

Apesar da juventude, os garotos do América conseguiram rapidamente se organizar e, em poucos anos, montaram uma equipe invejável. Carlos Paiva mostra as “facilidades” encontradas pelos americanos nos primeiros anos após a fundação do time:

Para começar, o então governador do Estado, Dr. Bueno Brandão era o pai de um dos fundadores, Francisco Bueno Brandão Filho e tio de outro, o Afonso Silvano Brandão. Logo após a fundação era comum os garotos do América treinarem no campo do Atlético como também em outros campos da cidade. Quem iria barrar o filho do governador? Para se ter uma idéia do que acontecia, em 1913, os jogadores do Minas Gerais, um time patrocinado pelo prefeito Olinto Meireles, resolveram ceder o seu campo da Avenida Paraopeba para em troca jogar pelo América. Esta decisão prova o quanto os “americanos” eram influentes. (CARLOS PAIVA).

A partir da citação é possível notar que o apoio político foi decisivo para a implantação do futebol na cidade. O Atlético, e, sobretudo, o América receberam incentivos necessários para o desenvolvimento de suas equipes. Em 1914, no *Prado Mineiro*, local reservado para as corridas a cavalo, a prefeitura construiu um estádio que abrigaria os primeiros “grandes jogos” da cidade.

3. ATLETICANOS E AMERICANOS: CONFLITO E INTEGRAÇÃO

A conquista dos dois primeiros títulos pelo Atlético e a péssima campanha realizada pelo América fizeram com que os alviverdes se mobilizassem em torno da preparação de uma equipe mais competitiva. A esta altura, o futebol na cidade já ampliava o seu universo social. Não só os familiares e amigos dos atletas acompanhavam os jogos. O espetáculo promovido pelo futebol passou a ser um ponto de encontro da elite da cidade. Os jogos realizados nas tardes de sábado ou domingo passaram a ser esperados com ansiedade pelos torcedores.

Em 1913, o futebol era já era considerado pela crônica esportiva, o esporte mais conhecido na cidade:

Aqui, desde que falle em sport, entende-se que se quer dizer foot-ball: estas duas palavras tornaram-se sinonimas; todas as sociedades sportivas cultivam exclusivamente o foot-ball. E isso é triste. Nas nossas condições actuaes, varios outros generos de sports podiam desenvolver-se paralelamente a esse tão querido foot-ball. (Vita, n.1, jul. 1913)

Antes mesmo da criação dos torneios oficiais em Belo Horizonte, já se podia observar o clima de rivalidade entre os atleticanos e americanos. Respalhada nas doutrinas higienistas em voga, um dos principais veículos de comunicação da elite mineira, a revista *Vita*, nos seus exemplares números 7 e 8, compactados em uma edição de janeiro de 1914, veiculou uma matéria enaltecendo a prática do futebol na cidade. No mesmo texto, o cronista solicitava aos poderes públicos apoio financeiro ao Atlético Mineiro, que, segundo ele, era o clube mais organizado da cidade:

É tempo, pois de, quem tem a responsabilidade da instrução de nossos filhos, futuros senhores da Pátria, vir em auxilio das sociedades sportivas da nossa terra, de preferencia ao 'Athletico Mineiro Football Club' que, sem contestação, é o club mais organizado, dando-lhe um terreno onde possa se estabelecer, definitivamente, o seu campo de jogo, ministrando-lhe, ainda, um auxilio pecuniario para a construção de um indispensavel pavilhão. Assim terá reunido o util ao agradável, pois não ha negar que, alem de todo, o jogo de football constitue, para a maioria da população da capital, tão balda de diversões, um verdadeiro attractivo. (Vita, ns. 7 e 8, dez 1913, jan1914)

Na mesma edição, a revista ainda publicou uma tabela mostrando os resultados dos jogos realizados em 1913, os quais demonstravam a superioridade do Atlético em relação às outras equipes:

TABELA 1 ATLÉTICO CAMPEÃO DE BELO HORIZONTE EM 1913

CLUBS	MATCHS	GANHOS	EMPATADOS	PERDIDOS	PONTOS	GOALS
Athletico	9	5	3	1	13	32
America	3	1	1	1	3	5
Yale	4	0	1	3	1	4
Resultado dos matches:						
Athletico – Granbery				7-0	3 Maio 1913	
Athletico – Morro Velho				2-3	11 Maio 1913	
Athletico – Alfredo Baeta O.P.				10-0	7 Maio 1913	
Athletico – Yale				6-1	Junho 1913	
Athletico – Yale				2-0	12 Out. 1913	
Athletico – Yale				1-1	19 Out. 1913	
Athletico – America				1-1	15 Nov. 1913	
Athletico – América				3-0	23 Nov. 1913	
Athletico – Morro Velho				0-0	14 Nov. 1913	

Campeão de Minas Gerais: Morro Velho
 Campeão da Capital Mineira: Athletico Mineiro Clube
 Fonte: Vita, n.7 e 8 – dez.1913, jan.1914.

A reação dos americanos foi imediata. A edição subsequente da revista publicou uma carta assinada por um torcedor do América que se mostrava indignado com a afirmação da superioridade atleticana. Utilizando-se de vários argumentos, o torcedor solicitava aos jornalistas que revissem a atribuição de “clube mais organizado da capital” dada ao Atlético:

Andou mal informado o nosso chronista sportivo ao publicar, no ultimo numero de Vita, a lista dos matches de foot-ball aqui realizados. O America F. B. Club figura ahi com 3 jogos apenas, quando neste ultimo anno ele disputou nada menos que 16 matchs, como poderá v. s. verificar pelo quadro abaixo que, alem disto, mostra bem a vida intensa desta sociedade. Dano era o domingo em que uma equipe americana não entrava em campo para conquistar mais um triumpho para o seu pavilhão verde-branco. (Vita, n.9, fev 1914)

TABELA 2
AMÉRICA, O MELHOR DE BELLO HORIZONTE EM 1913

CLUBS	MACHS	GANHOS	PERDID OS	EMPATA DOS	GOALS PRÓ	GOALS CONTRA	PONTOS
America versus Americano	1	1	0	0	4	0	2
America vs. 1° team Athletico	2	0	1	1	1	4	1
America vs. 2° team Atlético	6	2	1	3	12	10	7
America vs. Guanabara	1	1	0	0	6	1	2
America vs. Minas Gerais	2	2	0	0	7	4	4
America vs. Ouropretano	1	1	0	0	3	2	2
América vs. Santa Cruz	2	2	0	0	7	3	4
América vs. Yale	1	1	0	0	4	2	2
TOTAL							24

Fonte: Vita, n.9, fev.1914.

De acordo com o quadro de jogos apresentado por ele, o América deveria ser então, considerado o campeão da temporada de 1913, uma vez que realizou naquele ano, um maior número de partidas que seu rival. O indignado americano terminou sua redação, pedindo ainda uma retificação em relação à afirmação de que o Atlético seria o clube mais organizado da cidade. Para ele, sua agremiação é que deveria alcançar este *status*.

Ainda sobre a chronica a respeito do foot-ball aqui praticado, merece uma pequena ratificação o trecho que diz: 'o Athletico M. F. B. Club que, sem contestação é o club mais bem organizado,...' É o mais antigo, pode ser o mais rico e de maior nome mas melhor organizado, não. Tem um bom 1° team e um 2° - completamente desorganizado – como se exprimiu o seu secretario quando, respondendo ao convite do America para o match de 15 de novembro, se desculpava de não acceitar para o 2° team, fazendo-o então, somente para o 1°. Teve, entretanto, o América nessa temporada 4 teams cujos jogos e resultados poderá v. s ver na relação abaixo. (Vita, n.9, fev1914)

TABELA 3
JOGOS DOS QUADROS INFERIORES DO AMÉRICA

CLUBS	MATCHS	GANHOS	PERDIDOS	EMPATADOS	GOALS PRÓ	GOALS CONTRA	PONTOS
América – 2° team	6	6	0	0	20	3	12
América – 3° team	5	2	2	1	11	15	5
América – 4° team	3	2	1	0	7	2	4

Fonte: Vita, n.9, fev.1914

O futebol foi, assim, imiscuindo-se no imaginário e cotidiano da sociedade belo-horizontina ao provocar a auto-estima e reações de rivalidades entre os torcedores.

A partir de 1914, com a criação dos torneios oficiais, o esporte passou a se integrar decisivamente no convívio social das elites. A rivalidade entre os dois principais times da cidade ganhava proporções cada vez maiores. O interesse da população e as reações causadas pelo esporte chamavam a atenção da imprensa. Os jogos passaram a ser acompanhados de perto pelos jornalistas. Ao retratar a vitória do Atlético sobre o América, em 6 de outubro de 1915, o cronista que se denominava “Arthpin” deixava transparecer em suas palavras, o clima de rivalidade existente entre as duas equipes:

Os hurrahs, e entusiasticos vivas com que os athleticanos nos celebram sua victoria, servem tambem para realçar o Americano, pois si este Club é o causador das alegrias dos victoriosos é porque ele é um adversário terrível, valoroso e que infunde respeito. [...] Actualmente Bello Horizonte já possui vida sportiva e ora a derrota do Athletico, inflingida pelo Christovam Colombo, embora notavel mas resistente, ora a do America imposta por aquelle club, sacode a fibra ao mais fleugmático torcedor dos clubs que degladiam no presente campeonato. (Diário de Minas, 08/10/1915, s.p.).

O confronto entre os *alvinegros* e *alviverdes* se tornava, então, o principal clássico da cidade. O clima que envolvia o futebol ultrapassava os estádios, SILVEIRA (1996), mostra que o futebol era um dos assuntos prediletos nos cafés e bares belo-horizontinos. Jogadores e torcedores encontravam-se para discutir os resultados dos jogos e fazer prognósticos acerca dos próximos confrontos. “No paládio e no Iris reuniam-se os simpatizantes do Clube Atlético, os americanos ocupavam o bar do Ponto e o Trianon.”(RENAULT, 1988, p.183).

Elias e Dunning (1996, p.249) mostram que a rivalidade é um componente estrutural dos esportes modernos. Essa análise passa por uma crítica ao conceito de *solidariedade orgânica* proposto por Durkheim. Para eles, a divisão das funções sociais não levaria apenas à solidariedade dos seus membros da comunidade, mas também a relações de tensão e conflito:

Su análisis sin embargo tiene una falla fundamental al no haberse dado cuenta de que la interdependencia funcional o división del trabajo no conduce necesariamente a la integración armoniosa y en cooperación sino, incluso en sus formas 'normales', al conflicto y al antagonismo. En resumen: su concepto de sociedad basada en la 'solidariedad orgánica' es utópico. (ELIAS; DUNNING, 1996, p.263)

Levando em consideração as análises de Durkheim e a contraposição estabelecida na tese de Elias e Dunning é possível notar que o processo de divisão do trabalho fomentou novas formas de interação social entre os grupos e simultaneamente elevou os níveis de tensão e antagonismos entre eles. Assim, os antagonismos e conflitos que permeiam a vida de qualquer comunidade seriam transferidos para as dramatizações esportivas. Para Elias e Dunning, as relações de rivalidade “mais ou menos” amistosas ocorridas entre os grupos podem ser explicadas, a partir da inserção do futebol nas práticas consideradas “civilizadoras”.

Se as emoções e a agressividade devem ser mais comedidas nas sociedades civilizadas, os esportes considerados violentos perdem espaço para as práticas mais civilizadas. Nesse sentido, encontra-se, no trabalho de Elias e Dunning (1996), uma explicação bem estruturada em torno da rápida difusão e popularização do futebol em diversas partes do mundo no início do século 20. Os autores defendem a idéia de que tanto o futebol quanto o *rugby* originaram-se das formas primitivas de futebol europeu. No entanto, a partir da unificação das regras do futebol, no final do século 19, na Inglaterra, a maioria dos países incentivou a prática do estilo inglês. Elias e Dunning atribuem esse fato à diminuição da violência no futebol britânico. Enquanto, no *rugby* se mantiveram os agarrões, chutes e socos nos adversários, o estilo inglês os aboliu. Dessa forma o futebol se enquadrou nos padrões burgueses de práticas esportivas, nos quais as tensões e emoções devem ser controladas:

El estudio del desarrollo del fútbol a largo plazo nos permitió, de hecho, ver en un campo limitado un aspecto del juego recíproco entre tensión y control de la tensión, sin el cual no puede entenderse a plenitud la relevancia de los juegos deportivos como modelo teórico. Esse estudio mostró cómo las tensiones que un tiempo esban fuera de control y probablemente eran incontrolables, fueron sometidas gradualmente.” (ELIAS&DUNNING, 1996, p.237).

Ao reduzir os contatos físicos, o jogo de futebol tornou-se, portanto, um esporte coerente com os interesses capitalistas. Na mesma arena, era possível encontrar uma prática saudável, altamente competitiva e que fomentava grandes rivalidades, mas, ao mesmo tempo, disciplinava os jogadores com seu aparato de regras.

Ao discorrer sobre a *competição*, Simmel (1983b) fornece outros subsídios que podem auxiliar na inteligibilidade da rivalidade entre os clubes Atlético e América e, também, entre

seus respectivos torcedores. Partindo do princípio que a *competição* possui uma função socializadora e civilizadora, o autor sustenta a idéia que alguns tipos de competição promovem uma aproximação e a interação dos membros da comunidade:

Aqui a luta consiste apenas no fato de que cada concorrente busca a meta por si mesmo, sem usar a força contra o adversário. Esse estranho tipo de luta é exemplificado pelo corredor que procura alcançar sua meta apenas através de sua velocidade [...] (SIMMEL, 1983b, p.136)

No caso do futebol, o objetivo principal do jogo não é eliminar o adversário, mas o “medir forças” entre os concorrentes. Esse processo, apesar de conflituoso, fomenta a aproximação dos adversários, pois, só conhecendo a fundo suas virtudes e fraquezas, pode-se montar uma estratégia para vencê-lo. Em princípio, esse fato pode explicar o processo de interação social ocorrido entre atleticanos e americanos no início das práticas futebolísticas em Belo Horizonte. Mesmo com o clima de rivalidade dentro do campo e nas arquibancadas, os dois grupos se encontravam em eventos sociais promovidos exatamente com a função de conagração dos dois lados. A partir de 1915, tornaram-se comuns os bailes promovidos pelos clubes de futebol. Paulina Lodi explica que esses bailes eram realizados sempre após os jogos e contavam com a participação dos jogadores, dos seus familiares e de muitos torcedores:

Não importava o resultado, quando acabava o jogo era certo que todos os jogadores e alguns convidados iam ao baile. Era uma coisa muito esperada, eles programavam os bailes com um mês de antecedência. Todos iam muito bonitos, não só aos bailes, mas nos estádios também. Era gente muito chique. O presidente do estado, o prefeito da cidade, os homens mais ricos... Todos eles gostavam do futebol. (PAULINA LODI)

Os bailes, portanto, podem ser inseridos na relação de rivalidade amistosa construída em torno do futebol. Na cidade, a separação de dois grupos principais ligados à elite, reforça a idéia da existência de um fator de distinção que os distanciava dos demais. A noção de *pertencimento clubístico*⁴, nesse período, estava ligada à possibilidade de ampliação do *convívio* social. Ser atleticano ou ser americano tornava-se uma condição que, *a priori*, possibilitava freqüentar os círculos de convivência mais refinados da cidade. Pode se dizer que os bailes e as festividades auxiliaram na construção de uma identidade de pertencimento privilegiado, de orgulho dos torcedores do Atlético e do América em relação aos demais clubes da Capital, os quais, por sua vez, não contavam com acontecimentos sociais tão

⁴ O conceito de *pertencimento clubístico* discutido por DAMO (1998) refere-se à identificação social promovida pelas relações de fidelidade, companheirismo e diferenciação que são construídas pela ligação à determinado clube de futebol.

requintados. Nesse caso pode-se observar a formação de uma identidade elitista entre jogadores e torcedores.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Analisar o fenômeno social do futebol e sua inserção na cidade significa reconhecê-lo como uma prática social propiciada pela modernidade estampada em diversas áreas do fazer humano naquele período.

Como os cafés, o cinema e o teatro, o futebol chegou ao círculo das elites belo-horizontinas como uma atividade requintada e de inspiração cosmopolita. Seus praticantes adquiriram um *status* que demarcava sua distinção social. Os *sportmen* simbolizavam o novo homem, que deveria incorporar-se às propostas higienistas de *mens sana in corpore sano*. Nessa perspectiva, torna-se compreensível as ações do Estado que elegeram o futebol como o “carro-chefe” das transformações propostas para o comportamento da população, durante as primeiras décadas do século passado. Ao Clube Atlético Mineiro e o América Futebol Clube foram cedidos terrenos na Av. Paraopeba (atual Av. Augusto de Lima), onde esses clubes construíram seus primeiros estádios. Além desses espaços, no Prado Mineiro, onde havia um hipódromo, construiu-se, por volta de 1913, um outro estádio de futebol.

A partir de então, o futebol passou a ser uma das principais atrações frequentadas pelas elites locais. Atleticanos e americanos, que compartilhavam de um *status* social quase equivalente, tornaram-se grandes rivais nos gramados e nas arquibancadas. No entanto, nos bailes promovidos pelos seus respectivos clubes, o conagraçamento entre eles era uma prática habitual.

Como se pôde perceber, são múltiplas as variáveis que contribuem para analisar o futebol como fenômeno sociocultural em uma cidade. As abordagens discutidas nesse trabalho sugerem a existência de uma multiplicidade de caminhos que ainda podem ser percorridos em pesquisas sobre a temática cidade/futebol. As razões pelas quais o futebol se tornou o esporte mais popular de Belo Horizonte, como também em quase todas as cidades brasileiras e as atuais formas de envolvimento com o esporte nas cidades, são temáticas que ainda carecem de estudos mais sistemáticos. Mesmo considerando o período embrionário do futebol na vida urbana, existem ainda muitas questões relativas à sua dinâmica que merecem maior atenção do meio acadêmico.

REFERÊNCIAS

Fottball. Diário de Minas, Belo Horizonte, 8 out.1915.

O foot-ball na capital. Minas Sport, Belo Horizonte, Ano 1, n.7, 22 nov. 1925.

Ilustres sportmen. O Foot-Ball, Belo Horizonte, Ano 1, n.2, 21 set.1917.

Vida Sportiva. Vita, Belo Horizonte, Ano 1, n.4, out. 1913.

Gymnastica nas escolas. Vita, Belo Horizonte, Ano 1, n.1, jul.1913

Sports – Foot-Ball. Vita, Belo Horizonte, Ano 1, n.7/8, dez/jan. 1913/1914.

América, o melhor de Bello Horizonte em 1913. Vita, Belo Horizonte, Ano 1, n.9, fev. 1914.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

DAMO, Arlei Sander. **Para o que der e vier**: o pertencimento clubístico no futebol brasileiro a partir do Grêmio Foot-ball Portoalegrense e seus torcedores. 1998. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **Desporto y ocio en el proceso de la civilizacion**. Mexico: Fondo de Cultura Economica, 1996.

HUIZINGA, J. **Homo ludens** . São Paulo: Perspectiva, 1980.

RENAULT, Delso. **Chão e alma de Minas**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

SIMMEL, Georg. A competição. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983b. p.135-149.

SIMMEL, Georg. A determinação quantitativa dos grupos sociais. In: SIMMEL, Georg. **Sociologia**. Trad. Carlos Alberto Pavanelli. São Paulo: Ática, 1983a. p. 90-106.

ZILLER, Adelchi Leonello. **Enciclopédia Atlético de todos os tempos**: a vida, as lutas, as glórias do Clube Atlético Mineiro, o campeoníssimo das Gerais. Belo Horizonte: Do autor, 1997.